

# Televisão e Amor

RUBEM BRAGA

MEU amigo tinha brigado num fim de noite com a namorada e estava no dia seguinte em plena fossa. Telefonar? Não tinha coragem. Esperar que ela telefonasse? Era enervante e, provavelmente, inútil. Sair, beber? Mas, e se ela telefonasse? E se a encontrasse em um bar com o outro? Ir à casa de algum amigo? Mas com aquela cara soturna e lamentável? Ficou horas em casa, procurando ler, ouvindo discos, sentindo o maior tédio da literatura e da música, atendendo ao telefone, onde sempre era voz de homem. Sua vontade sincera era morrer. Sem aquela estranha princesa inca de braços assírios e perfil egípcio a vida não tinha mais graça. Braços assírios, por quê? Perfil egípcio, seria mesmo? E por que princesa inca? E por que estranha? Quando éle deixaria de inventar coisas assim para exprimir sua perplexidade de apaixonado? Sentiu-se ridículo, bôbo.

— Foi então — me conta éle — que me ocorreu ligar a televisão. Caí bem no meio de uma terrível novela passada no Brasil monárquico ou colonial, sei lá, com homens de botas, negro de peito nu, mocinha soluçando, o diabo. Depois veio uma porção de anúncios. Televisão é uma coisa tremenda, a gente pode estar pensando em outra coisa, mas ao mesmo tempo está vendo e ouvindo a môça do detergente que lava mais lavado, a ronda e cantoria dos meninos que bebem um refrigerante e ganham automóveis de prêmio, a enceradeira que faz do seu chão um espelho. Depois um programa **Bimba-Rio-Bomba**, com môças e rapazes a dançar e a dizer gracinhas que já eram velhas nas revistas da praça Tiradentes em 1928. Tôda aquela seqüência espantosa de mau-gôsto e comercialismo foi-me anestesiando, me apavorando — e entretanto eu não consegui mais desligar o aparelho, sentia uma estranha fascinação entendiada em assistir a um enorme e velho filme italiano em que não conseguia ler as legendas nem ouvir as vozes, um dramalhão interrompido de vez em quando por um anúncio... Meu velho, não há nada melhor para mortificação de amor que televisão, ela produz uma outra mortificação ainda mais burra, de uma burrice azul e negra que acaba em um sono bruto, bronco, abençoado...

JB-6.12.64

DN-16.5.67